

banco de germoplasma da Embrapa Amazônia Oriental, ao acaso, com variação de maturação de 36, 51, 66, 81, 96 e 111 dias após a floração. Em seguida foi feita a assepsia com álcool 70% por 30 segundos e NaClO 2% por 15 minutos, sob agitação em câmara de fluxo laminar. Logo após, as sementes foram inoculadas em meio MS modificado com carvão ativado (0,1%) e NaH_2PO_4 (0,17g. L^{-1}) suplementado com ANA, BAP, 2,4-D, AG₃, AIA nas concentrações de 1,0 mg. L^{-1} de cada, e na combinação de ANA e BAP na concentração de 1mg. L^{-1} , além da testemunha sem regulador de crescimento. A germinação não ocorreu com 36, 51 e 66 dias após a floração, mas a 81, 96 e 111 dias após a floração. Os tratamentos que mais se destacaram na formação de plântulas com 96 dias após a floração foram: AG₃ (100%) e testemunha (60%) e aos 111 dias, BAP (60%). Então, para a germinação de sementes *in vitro* estas devem ser coletadas com pelo ao menos 81 dias após a floração.

11- RESPOSTA FISIOLÓGICA DE PLANTAS DE IPECA (*Cephaelis ipecacuanha*) À DEFICIÊNCIA HÍDRICA. *Marselle Nobre de Carvalho (Bolsista PIBIC/CNPq/Embrapa) & Cláudio J. Reis de Carvalho (Pesq/Embrapa/CPATU).*

A Ipeca (Rubiaceae) é uma planta herbácea nativa de sub-bosques úmidos. Nos tecidos das raízes desta planta são encontrados inúmeros alcalóides, dentre os quais a emetina e cefalina, de grande valor comercial. Esta espécie encontra-se atualmente em processo de extinção devido a exploração extrativa e a derrubada indiscriminada das matas de sua ocorrência natural. Por estes motivos estão sendo desenvolvidas pesquisas básicas sobre as reações desta planta aos fatores ambientais, com vistas a viabilizar o seu cultivo em larga escala. Visando avaliar o comportamento de plantas de Ipeca quando submetidas a deficiência hídrica, foi conduzido um experimento utilizando estacas enraizadas provenientes de matrizes das coleções do CPATU. Durante 8 meses, as plantas foram cultivadas na casa de vegetação protegidas com sombrite (50% de interceptação) em vasos de barro preenchidos com terriço. Posteriormente foram mantidas por 2 meses numa sala de crescimento sob condições controladas de temperatura (27 a 30° C), umidade (70 a 80 %) e radiação (RFA de 120 a 180 $\mu\text{mol. m}^{-2}.\text{s}^{-1}$, 12 horas). As plantas foram divididas em blocos e submetidas à dois ciclos de secamento (7 dias cada seguido

de reidratação). Em ambos os ciclos, foram mantidas plantas irrigadas como testemunhas e, ao final de cada ciclo, realizaram-se análises de potencial hídrico de base, teor relativo de água, condutância estomática, clorofilas e carotenos, proteínas solúveis em água e prolina dos tecidos foliares. Os resultados indicam que esta espécie não possui mecanismos adaptativos a perda de água e as modificações bioquímicas (acúmulo de prolina, aminoácidos e proteínas) só ocorrem em teores relativos de água em torno de 30 a 40 %. A transpiração cuticular deve ser alta nesta espécie pois mesmo com estômatos fechados, ocorre perda de água dos tecidos foliares. Os dois ciclos sucessivos de secamento não foram suficientes para modificar esta resposta.

12 - DESENVOLVIMENTO DE EMBRIÕES ZIGÓTICOS DE JENIPAPO (*Genipa americana* L.) IN VITRO. Batista, Maria do S.F. (Bolsista de Aperfeiçoamento CNPq/FCAP); Souza, Joelson A. (Bolsista de Iniciação Científica CNPq/FCAP); Cabral, Betânia L. R. (Bolsista de Aperfeiçoamento CNPq/FCAP); Mota, Milton G. da C. (Professor da FCAP/Orientador) & Vieira, Irenice M. dos S. (Coordenadora do Projeto/Prof^a da FCAP).

O jenipapo (*Genipa americana* L.), família Rubiácea, é uma árvore tropical originária do Norte da América do Sul, encontrado na Amazônia brasileira no estado selvagem e cultivado. O consumo tradicional do jenipapo é na forma de licor, refresco, vinhos, xaropes e doces cristalizados. O fruto verde fornece um suco amarelado que vai gradativamente escurecendo, até tornar-se azul-escuro ou quase preto usado pelos índios para suas pinturas. Do fruto maduro extrai-se a jenipapina que é o princípio aromático. A madeira também é utilizada para diferentes fins. O objetivo deste trabalho foi desenvolver plântulas assépticas “in vitro” a partir de embriões zigóticos. Foram coletados frutos maduros e retirado as sementes das quais eliminou-se a mucilagem. Em seguida foram enxaguadas com detergente em água corrente e após com água deionizada. Sob câmara de fluxo laminar, receberam assepsia para desinfestação superficial das sementes, pela imersão em álcool 70% por um minuto, seguida por Hipoclorito de Sódio 3% por cinco minutos e posteriores lavagens com água deionizada esterilizada. Utilizou-se